



“Ou todos juntos salvamos a indústria leiteira argentina ou ninguém poderá salvá-la”



A queda dos subsídios na União Européia, a valorização do euro em relação ao dólar, provocando um aumento nos custos dos laticínios produzidos no velho continente, a crescente demanda local e internacional puxada por um gigante como a China, acompanhada por países do Sudeste Asiático e das nações produtoras de petróleo, oferecem ao setor lácteo argentino uma oportunidade única de desenvolvimento e consolidação de toda a cadeia produtiva.

A forte demanda do consumo, somada ao crescimento limitado da produção de leite nos principais países exportadores, aponta para um forte crescimento do preço do leite nos mercados internacionais.

Houve um tempo, não muito distante, no qual o leite em pó, o principal produto lácteo comercializado no mundo, valia entre 1.400 e 1.600 dólares a tonelada, enquanto que hoje chega a ser comercializado por 5.000 dólares. Mesmo que nos últimos embarques não tenha sido vendido a esse preço máximo, nada indica que vá sofrer uma queda em um futuro imediato ou no médio prazo.



A **Argentina** se transformou por mérito próprio, e superando as disputas e desavenças internas, em um dos poucos países sem limites para o crescimento da sua produção leiteira.

Entretanto, e como é de conhecimento público, 2007 terminou com um conflito entre produtores de bovinos leiteiros e a indústria, tendo como palco de disputa somente algumas empresas de laticínios do país.

A queda na produção, a absorção das pequenas e médias explorações bovinas pelas maiores, a ostensiva queda das exportações e os mencionados conflitos, foram os elementos característicos do setor durante 2007.

Com tais parâmetros, algum leitor desprevenido pode se perguntar como diabos é possível ser otimista com relação ao futuro.

Certamente muitos países do mundo gostariam de ter os problemas que a **Argentina** precisa resolver para organizar a sua cadeia produtiva, já que esses países, simplesmente, não têm uma cadeia produtiva.

Então, a partir desta simples constatação, seria estúpido que os atores que compõem o cenário leiteiro nacional, perdessem novamente o bonde das oportunidades surgidas para o setor leiteiro argentino.

O alto preço internacional da soja exerce uma enorme pressão sobre o valor do arrendamento das terras e, por isso, é visto como uma ameaça permanente para a produção de matéria prima em nosso país.

Conseqüentemente, só um importante incentivo sobre a produção fará com que seja retomada a pirâmide de crescimento, indispensável ao desenvolvimento do setor leiteiro da **Argentina**.

As urgências econômico-financeiras, que permanentemente acompanham os sucessivos governos de nosso país, levam a que eles priorizem questões de caixa em vez de um planejamento ordenado de seus recursos.

A indústria leiteira constitui um dos pilares importantes do país, mas exige políticas de Estado apropriadas e são de médio e longo prazo e alcance.

Conseqüentemente, nossos governos, sempre asfixiados pelas dívidas externas, acabaram buscando aquelas alternativas que lhes geraram rápidos ingressos, como por exemplo, as retenções por exportações de soja, em detrimento de uma atividade, a leiteira, que não somente foi historicamente um elemento destacado dos recursos de nossa pátria, mas principalmente por fazer parte da coluna vertebral que sustenta as economias regionais.



O setor lácteo, apesar das desventuras, está vivo, e a defesa dos interesses setoriais entre produtores de leite e industriais, com a intervenção do Estado argentino, pode servir para fortalecê-lo (o setor), se houver consenso e se for priorizado o todo, acima dos mesquinhos interesses de cada um dos integrantes da cadeia produtiva.

As empresas de nosso país exportam para mais de 120 países do mundo, o que mostra a presença dos produtos laticínios locais no contexto internacional; e tudo isso sem nos organizarmos, sem estarmos todos de acordo, sem políticas de Estado que estimulem o aumento dos volumes de matéria prima.

Por isso, apesar das diferenças, do desânimo, do pessimismo, e dos desencontros, talvez produtores, industriais e o próprio governo percebam o passo gigante na direção do futuro que estarão dando ao buscarem alternativas que satisfaçam as expectativas e as necessidades tanto deles próprios como dos outros.

Se os produtores e os industriais foram capazes de construir uma indústria leiteira competitiva a nível internacional, sem a assistência de uma política de Estado que os encorajasse e incentivasse, imaginem quanto podem crescer se este governo, conforme o entendemos, compreender a realidade da situação e ficar à frente dos interesses gerais do setor, sem descuidar do seu papel de tutor dos interesses alimentares de todos os argentinos, e assim projetar definitivamente a indústria leiteira argentina até o preponderante lugar que o mundo lhe reserva. Para isso, temos que fazer os deveres necessários.

Nós trabalhadores do setor lácteo, destinatários diretos e indiretos dos erros e acertos dos atores que formam a rede, nunca adotamos uma posição passiva diante dos fatos e, de alguma maneira, sempre fomos os árbitros não convidados diante de cada situação.

Compro empresa láctea, compro...!
Nos últimos anos o setor lácteo se converteu em um dos que mais teve operações de compra e venda e fusões.

A **SanCor**, a maior cooperativa de laticínios com sede em **Sunchales**, dedica-se a iogurtes, sobremesas e queijos junto com a **DPA**, uma joint-venture entre a neozelandesa **Fonterra** e a suíça **Nestlé**. Além disso, mantém um vínculo aleatório com a dinamarquesa **Arla**, através da comercialização do soro de leite.

Há muito tempo que a francesa **Danone** tem uma aliança estratégica com a **Mastellanone Hnos.**, dona da **Serenísima**.

A **Suipachense**, empresa de laticínios localizada no coração da província de **Buenos Aires**, oportunamente foi adquirida pela chilena **Santa Carolina**.

No ano passado, e após fracassar no seu intento de adquirir a **SanCor**, a **Adecoagro** - propriedade de investidores locais e externos- comprou a **La Lácteo**, para depois se unir à canadense **Agropur**.

Também em 2006, a francesa **Bongrain** ficou com 40 por cento da **Milkaut**, de onde a chilena **Bethia** foi embora. Desta forma, a nova sociedade comercial uniu as marcas de queijo **Santa Rosa** e **Adler**. Vale informar que os produtores de leite, reunidos na *Asociación Unión Tamberos (AUT)* retêm 55 por cento das ações. Entre ativos e dinheiro, a **Bongrain** desembolsou mais de 25 milhões de dólares por 40 por cento da **Milkaut**. Esta cifra, que poderia chegar a parecer importante, em realidade não o é, porque o grupo comprador tem um faturamento bruto próximo dos 5.000 milhões de dólares. O grupo peruano **Gloria** se associou com a família argentina **Gonella** para criar a empresa **Corlassa** na cidade de **Esperanza, Santa Fé**. Por outro lado, a belga-holandesa **Campina** adquiriu a **Inovatech**, empresa que se dedica à comercialização de componentes lácteos.

Resta somente um punhado de empresas lácteas importantes em mãos de capitais nacionais, das quais entre as mais significativas podemos citar a **Sucesores de Alfredo Williner, Verónica** e a cooperativa **Manfrey** com sede na localidade de **Freyre, Córdoba**.

Para as empresas lácteas multinacionais, comprar empresas em nosso país requer um investimento relativamente baixo; isto ocorre principalmente porque as companhias argentinas têm finanças bastante machucadas. De qualquer forma, o que se observa nesta atividade, diferentemente das outras, é que as empresas lácteas locais, salvo exceções, não perderam a sua condição de acionistas majoritários nem cederam o controle das mesmas.



Alguns dados

Apesar de, em 2007, não ter surgido um marco importante que permitisse semear otimismo para o futuro, com seriedade, responsabilidade e políticas estratégicas adequadas, a Argentina pode retomar o caminho do crescimento e se posicionar novamente dentro de um contexto privilegiado em nível internacional.

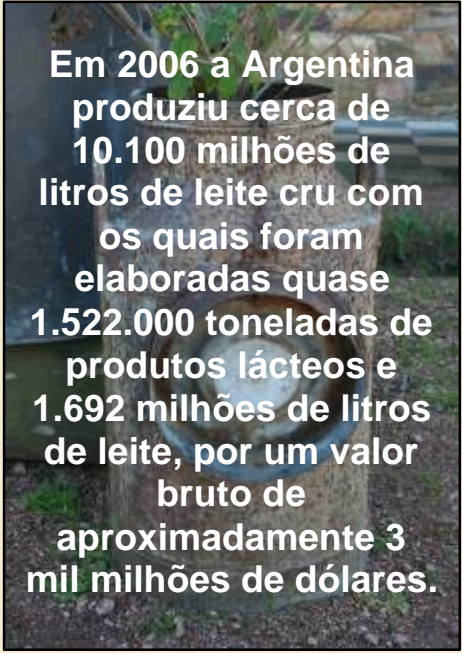
Consideremos que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a **Argentina foi o 14º. exportador mundial em volume de produtos lácteos durante 2006, com uma participação de 2,5 por cento.**

Segundo estimativas da Direção da Indústria Alimentar (DIA), em 2006 a Argentina produziu cerca de 10.100 milhões de litros de leite cru com os quais foram elaboradas quase 1.522.000 toneladas de produtos lácteos e 1.692 milhões de litros de leite, por um valor bruto de aproximadamente 3 mil milhões de dólares.

Em nível de produtos finais, destacou-se ainda mais: terceiro produtor mundial de leite em pó integral (com 9 por cento do total mundial) e sétimo de queijos (com 3 por cento).

Neste contexto, é bastante auspiciosa a crescente participação de algumas categorias de alto valor agregado, tais como soro e seus derivados, queijos semiduros, leites modificados e, mais recentemente, caseína.

De acordo com o previsto pela FAO, para 2030 a demanda de produtos de origem animal se duplicará, e o consumo de leite e produtos lácteos aumentará de 45 a 66 kg. per capita nos países em desenvolvimento, e de 212 a 221 kg. per capita nos países industrializados.



Em 2006 a Argentina produziu cerca de 10.100 milhões de litros de leite cru com os quais foram elaboradas quase 1.522.000 toneladas de produtos lácteos e 1.692 milhões de litros de leite, por um valor bruto de aproximadamente 3 mil milhões de dólares.

Conclusão

A dinâmica dos preços dos insumos nos últimos meses dificulta a equação para os produtores de leite.

Diante deste cenário, a Secretaria da Agricultura desenhou um sistema de compensações que varia de 0,03 a 0,23 dólares por litro, de acordo ao tamanho dos sítios produtores (à medida que aumenta, diminui a compensação).

Está claro que para os produtores, assim disseram eles, esta não é a melhor medida; não obstante, tanto os homens do campo quanto os industriais concordam em que há que se encontrar uma alternativa que permita abastecer de produtos lácteos a preços lógicos uma parte da população que não está em condições de pagar valores exorbitantes por um produto tão vital como o leite.

Porém ambas as partes reconhecem que essa necessidade deverá ser acompanhada por uma produção que se consolide e cresça, mas para isso é preciso que o Estado dê sinais claros e concretos a fim de fazer com que os produtores de leite continuem investindo em uma atividade que, diferentemente das outras, se for desmontada não volta a funcionar da noite para o dia. Fechar um sítio produtor não é nada barato, seja por causa dos postos de trabalho perdidos, pelo êxodo das famílias que têm de emigrar das zonas rurais, pela liquidação das matrizes, etc.

Entretanto – os produtores de leite ameaçam – que seria mais fácil para muitos deles simplesmente mudar de atividade ou arrendar as terras, sabido que a produção de leite representa um esforço econômico 5 a 7 vezes superior ao da agricultura.

Dentro deste contexto, a maioria dos produtores está pedindo um piso de 0,3 dólares por litro de leite; a pretensão dos produtores de leite se choca com as limitações da indústria devido aos preços máximos estabelecidos para os seus próprios produtos.

A partir desta situação, o governo terá um papel importante com relação ao palco onde se desenvolverá a trama desta complexa obra com final em aberto.

O pior que pode ocorrer é que retornem os enfrentamentos entre produtores de leite e industriais, sendo que no passado ambos foram objeto de circunstâncias que os superaram.

Naquele momento, dos piquetes e dos conflitos, apesar de que muito poucos foram informados, a partir da ATILRA participamos ativamente, dialogando com ambas as partes, tratando de criar pontes de diálogo e consenso entre produtores e industriais, e intercedendo junto às máximas autoridades do governo nacional visando a que o conflito fosse superado e encontradas novas vias de negociação, diálogo e concordâncias; porque, no final das contas, e parafraseando um velho ditado, “Ou todos juntos salvamos a indústria leiteira argentina ou ninguém poderá salvá-la”